

09700
CPAT
2004
ex. 2
FL-09700a

Documentos

ISSN 1517-2201
Dezembro, 2004 **204**

Plantas Medicinais das Comunidades do Nordeste Paraense: Marapanim, Augusto Corrêa e Bragança



Plantas medicinais das
2004 FL - 09700a



36939-2

brapa

República Federativa do Brasil

Luiz Inácio Lula da Silva

Presidente

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Roberto Rodrigues

Ministro

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa

Conselho de Administração

José Amauri Dimázio

Presidente

Clayton Campanhola

Vice-Presidente

Alexandre Kalil Pires

Dietrich Gerhard Quast

Sérgio Fausto

Urbano Campos Ribeiro

Membros

Diretoria Executiva da Embrapa

Clayton Campanhola

Diretor-Presidente

Gustavo Kauark Chianca

Herbert Cavalcante de Lima

Mariza Marilena T. Luz Barbosa

Diretores-Executivos

Embrapa Amazônia Oriental

Tatiana Deane de Abreu Sá

Chefe-Geral

Oriel Filgueira de Lemos

Jorge Alberto Gazel Yared

João Baía Brito

Chefes Adjuntos



*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Centro de Pesquisa Agroflorestal da Amazônia Oriental
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento*

ISSN 1517-2201

Dezembro, 2004

Documentos 204

Plantas Medicinais das Comunidades do Nordeste Paraense: Marapanim, Augusto Corrêa e Bragança

Silvane Tavares Rodrigues
Maria Elisabeth van den Berg
Raimunda Conceição de Vilhena Potiguara
Osmar Alves Lameira
Ronize da Silva Santos

Belém, PA
2004

Exemplares desta publicação podem ser adquiridos na:

Embrapa Amazônia Oriental

Trav. Dr. Enéas Pinheiro, s/n

Caixa Postal, 48 CEP: 66095-100 - Belém, PA

Fone: (91) 3204-1000

Fax: (91) 3276-9845

E-mail: sac@cpatu.embrapa.br

Comitê de Publicações

Presidente: Joaquim Ivanir Gomes

Membros: Gladys Ferreira de Sousa

João Tomé de Farias Neto

José de Brito Lourenço Júnior

Kelly de Oliveira Cohen

Moacyr Bernardino Dias Filho

Revisores Técnicos

Joaquim Ivanir Gomes – Embrapa Amazônia Oriental

Sérgio de Mello Alves – Embrapa Amazônia Oriental

Supervisor editorial: Guilherme Leopoldo da Costa Fernandes

Revisor de texto: Regina Alves Rodrigues

Normalização bibliográfica: Regina Alves Rodrigues

Editoração eletrônica: Euclides Pereira dos Santos Filho

1ª edição

1ª impressão (2004): 300 exemplares

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei no 9.610).

Plantas medicinais das comunidades do nordeste paraense: Marapanim,

Augusto Corrêa e Bragança / Silvane Tavares Rodrigues ...[et al.]. -

Belém, PA : Embrapa Amazônia Oriental, 2004.

21 p.; 21 cm. - (Embrapa Amazônia Oriental. Documentos; 204).

Bibliografia: p.20-21.

ISSN 1517 - 2201

1. Planta medicinal – Marapanim - Pará - Brasil. 2. Planta medicinal – Augusto Corrêa – Pará – Brasil. 3. Planta medicinal – Bragança – Pará – Brasil. 4. Botânica. I. Rodrigues, Silvane Tavares. II. Série.

CDD 581.634098115

Autores

Silvane Tavares Rodrigues

Biol., M.Sc., Pesquisadora da Embrapa Amazônia Oriental, Caixa Postal 48, CEP 66017-970, Belém, PA.
E-mail: silvane@cpatu.embrapa.br

Maria Elisabeth van den Berg

Eng. Agrôn., D.Sc., Pesquisadora do Museu Paraense Emílio Goeldi, Caixa Postal 399, CEP 66017-970, Belém, PA.

Raimunda Conceição de Vilhena Potiguara

Farm. Bioq., D.Sc., Pesquisadora do Museu Paraense Emílio Goeldi, Caixa Postal 399, CEP 66077-350, Belém, PA.

Osmar Alves Lameira

Eng. Agrôn., D.Sc., Pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental, Caixa Postal 48, CEP 66017-970, Belém, PA.
E-mail: osmar@cpatu.embrapa.br

Ronize da Silva Santos

Estudante de Engenharia Florestal da UFRA

Apresentação

Embora a Amazônia abrigue a maior biodiversidade do planeta, ainda são poucas as espécies registradas em estudos etnobotânicos com comunidades indígenas, caboclas, pesqueiras, etc. Além da perda do material vegetal, o êxodo rural, os desmatamentos em áreas críticas, os conflitos agrários, entre outros, estão causando uma forte erosão cultural, isto é, informações etnobotânicas preciosas são irremediavelmente perdidas. Daí, tornar-se necessário o conhecimento de espécies úteis de importância sócioeconômica.

O escopo do estudo da Etnobotânica tem passado por uma evolução conceitual, apresentando diferenças em sua interpretação caracterizada pela multidisciplinaridade desse campo de estudo. Sabendo-se que a pressão exploratória sobre os ecossistemas litorâneos está intensa, surge a necessidade de estudos etnobotânicos e de medicina tradicional, junto às populações pesqueiras.

Este trabalho visa inventariar e divulgar o conhecimento da medicina tradicional das comunidades do Nordeste Paraense (Marapanim, Augusto Corrêa e Bragança), dando ênfase para as espécies mais utilizadas ou com ampla variedade de usos.

Neste documento, são apresentadas descrições das espécies, forma de utilização e uso medicinal, que poderão contribuir para estudos fitoquímicos e farmacológicos, por divulgar o conhecimento da medicina tradicional de populações pesqueiras.

Tatiana Deane de Abreu Sá
Chefe Geral da Embrapa Amazônia Oriental

Sumário

Plantas Medicinais das Comunidades do Nordeste Paraense: Marapanim, Augusto Corrêa e Bragança.....	9
Introdução	9
Metodologia	11
Resultados	13
Glossário	19
Referências Bibliográficas	20

Plantas Medicinais das Comunidades do Nordeste Paraense: Marapanim, Augusto Corrêa e Bragança

Silvane Tavares Rodrigues

Maria Elisabeth van den Berg

Raimunda Conceição de Vilhena Potiguara

Osmar Alves Lameira

Ronize da Silva Santos

Introdução

Na Amazônia concentra-se a maior biodiversidade vegetal do mundo e, conseqüentemente, uma quantidade proporcional de produtos alimentícios, aromáticos, corantes, medicinais, etc (Rodrigues et al. 2000).

O acelerado desmatamento, aliado ao processo de extrativismo indiscriminado na região, onde há ocorrência natural de várias espécies medicinais, exige uma rápida ação das instituições para resgatar, conservar "ex situ", estudar e promover a domesticação desse material (Lameira et al. 2000).

Uma boa estratégia para atender esse escopo é criar e manter hortos especializados (Tenório et al. 1991). A implantação do Horto Medicinal da Embrapa Amazônia Oriental, no "campus" de Belém, visou expandir essas pesquisas por intermédio da introdução e conservação das espécies medicinais de valor sócioeconômico tradicional e potencial. A sua relevância científica aumenta em função da constante diminuição do germoplasma e das informações etnobotânicas, além da dificuldade de obtenção e reprodução. Assim, o Horto da Embrapa contribui para estudos fenológicos, farmacológicos, fitoquímicos, de melhoramento genético, dentre outros. Paralelo à questão do desmatamento está o desaparecimento de costumes tradicionais de comunidades indígenas e caboclo-pesqueiras (Rodrigues et al. 2000).

Com o objetivo de resgatar informações confiáveis sobre a medicina tradicional do Nordeste Paraense e as espécies vegetais utilizadas está sendo realizado o subprojeto “Coleta e conservação de plantas medicinais de ocorrência na Amazônia”. Para isso, e com o intuito de expandir o acervo do Horto da Embrapa Amazônia Oriental, realizaram-se várias excursões para estudo de campo e coleta de material botânico em comunidades caboclo-pesqueiras, priorizando-se os Municípios de Augusto Corrêa, Bragança e Marapanim.

De acordo com Begossi (1999) citado por Roman (2001), as populações nativas da costa brasileira, caracterizadas por pescadores artesanais, possuem uma riqueza cultural singular, e dentro destas, um grande conhecimento sobre o uso e cultivo das plantas.

Segundo Araújo & Lacerda (1987) os ecossistemas litorâneos foram e são ameaçados pelos primeiros e atuais colonizadores, pelo desmatamento, especulação imobiliária, lixo urbano, entre outros elementos culturais negativos. A devastação ambiental compromete o acervo de conhecimentos tradicionais e o patrimônio genético, muitas vezes ainda não inventariado e avaliado em sua utilidade (Balick, 1995 citado por Roman, 2001). Paralelo a isso, ainda são poucos os estudos em áreas costeiras, e observa-se que a maioria dos trabalhos etnobotânicos segundo Fonseca & Sá (1997), carecem de identificação social e aspectos culturais.

Portanto, é necessário o incremento de estudos etnobotânicos registrando a medicina tradicional de comunidades indígenas, pesqueiras, ribeirinhas ou caboclas. O Brasil precisa seguir o exemplo da China e Índia, que investem em estudos da medicina tradicional, levando também em consideração o aspecto químico na busca de medicamentos acessíveis à população.

Este trabalho tem ainda como objetivo documentar e divulgar o conhecimento da medicina tradicional por comunidades pesqueiras do Nordeste Paraense, enfatizando as principais espécies utilizadas.

As informações apresentadas neste trabalho são oriundas do resultado do estudo etnobotânico e da literatura; portanto, não substituem a presença do profissional da área de saúde.

Metodologia

Para a execução deste documento, realizaram-se várias excursões a alguns municípios do Nordeste Paraense (Marapanim, Augusto Corrêa e Bragança). As comunidades desses municípios foram inquiridas por meio de um formulário específico e Herbário móvel. Foram realizadas também coletas de material botânico, os quais foram incorporados ao Herbário IAN e Horto da Embrapa Amazônia Oriental sob a forma de estacas, sementes, etc.

No levantamento, registraram-se 65 espécies como medicinais, das quais as 10 mais citadas ou com ampla variedade de usos foram selecionadas para serem aqui apresentadas.

Neste trabalho são fornecidos nome científico, nome vernacular, descrições, usos, formas de utilização e partes empregadas. Para a descrição morfológica o material foi dissecado, com o auxílio de estereomicroscópio acoplado à câmara clara, sendo feitas medidas dos órgãos vegetativos e reprodutivos, e mais análise qualitativa (forma da folha, pétala, etc). Os descritores morfológicos qualitativos seguem Vidal (1995) e Ribeiro et al. (1999). As descrições foram elaboradas via estudo do material botânico e comparações às descrições de outros autores, como Correa (1926), Correa (1974), Albuquerque (1986), Furlan (1988), Matos (1989), Zurlo & Brandão (1990), Berg (1993) e Martins et al. (1995).

O material botânico foi identificado por comparação com material de herbário e consultas aos especialistas.

As espécies apresentadas têm seu uso explicado através dos seguintes modos de preparação, cujo conceito, citação de reações adversas, e contra-indicações, seguindo-se Martins et al. (1995) ou experiência pessoal dos autores.

a) Chá: pode ser preparado por infusão e decocção. Na infusão, geralmente usam-se partes tenras das plantas, colocando-se a planta macerada em uma xícara, adicionando-se água fervente e abafando-se por 15 minutos, deve ser utilizado no mesmo dia da preparação. Na decocção, usam-se as partes mais duras da planta (sementes, casca e raízes), coloca-se as partes trituradas da planta em um recipiente e acrescenta-se água fria, a qual é posta para ferver, com o recipiente tampado. Borrás (2003), recomenda o seguinte: de 6 meses até 1 ano de idade = 1 colher de chá 3 vezes ao dia (somente com acompanhamento médico); de 1 a 2 anos = $\frac{1}{2}$ xícara (chá) 2 vezes ao dia; de 2 a 5 anos = $\frac{1}{2}$ xícara (chá) 3 vezes ao dia; de 5 a 10 anos = $\frac{1}{2}$ xícara (chá) 4 vezes ao dia; de 10 a 15 anos = 1 xícara (chá) 3 a 4 vezes ao dia.

- b) **Maceração:** é resultante da adição de partes das plantas a álcool, óleo, água ou outro líquido extrator. As partes mais delicadas (folhas e flores) ficam macerando por 10 a 12 horas, enquanto as mais duras (caule e cascas) por 18 a 24 horas. O recipiente deve ser mantido em lugar fresco, ao abrigo da luz solar; após esse processo o líquido é coado, observando-se que plantas com tendência a fermentação não devem ser utilizadas dessa forma.
- c) **Banho:** pode ser feito com uma infusão ou decocção concentrada, a qual é coada e misturada à água do banho ou colocando-se as ervas em um saco de pano fino, deixando-se boiar no banho. Os banhos podem ser parciais (banho de asseio) ou de corpo inteiro e são indicados uma vez por dia.
- d) **Sumo:** é o suco resultante da trituração de uma planta medicinal fresca em um pilão, liquidificador ou centrífuga doméstica. Caso a planta contenha pouco líquido adicionar água, observando-se que o líquido deve ser utilizado no mesmo dia do preparo.
- e) **Xampu:** é preparado, adicionando-se a uma planta triturada, sabão líquido neutro ou xampu infantil.
- f) **Xarope:** é resultante da adição de uma calda de açúcar quente às plantas frescas e maceradas, em fogo baixo, mexendo-se por 3 a 5 minutos, depois o xarope é coado e conservado em recipiente adequado. O xarope pode ser feito também com tinturas, adicionando-se uma parte da tintura para três partes da mesma calda de açúcar ou rapadura. A quantidade de planta a ser adicionada ao xarope varia com a espécie vegetal. Caso não haja sinais de fermentação, o xarope pode ser conservado até 15 dias na geladeira.
- g) **Lambedor:** é preparado, misturando-se partes tenras das plantas (folhas e flores) com água, açúcar ou mel, geralmente em camadas alternadas.
- h) **Tintura:** é uma maceração especial¹, resultante da adição de partes de plantas trituradas a álcool, que ficam macerando ao abrigo da luz e da temperatura ambiente entre 8 e 15 dias, agitando-se uma ou duas vezes ao dia. No final do processo, o resíduo deve ser prensado e coado em pano limpo e guardado ao abrigo da luz. Usa-se na forma de gotas diluídas em água fria (uso interno), ou em pomadas, unguentos, etc.

¹especial (não serve a comum, que é tóxica por conter metais pesados).

Resultados

As 10 espécies mais citadas nas comunidades são descritas abaixo:

Família: Euphorbiaceae

Nome científico: *Jatropha curcas* L.

Nome vulgar: Pião branco

Arbusto, cultivado, latescente, com até 3m de altura com folhas penta-anguladas, palminérvias, de 9,8-10,2 cm de comprimento e 6,3-9,2 cm de largura, textura membranácea, simples, alternas, pecíolo peltado, com base cordada.

Inflorescências cimosas, com flores amarelo-esverdeada, unissexuadas, cálice gamossépalo, com 5 sépalas, corola gamopétala, com 5 pétalas, apresentando 10 estames livres, em 2 verticilos, monadelfos, gineceu com ovário súpero 3 locular, estigma bifido. Fruto tipo cápsula trissulcada, sementes oleaginosas, tóxicas.

Partes utilizadas: folhas e látex.

Preparo: banho, chá, macerado.

Uso: dores em geral, afecções do sistema digestivo, nervoso, dermatológicas, reumatológicas e em cultos afros.

Contra-indicação: O extrato do fruto não deve ser usado no período de gestação; a ingestão de folhas ou sementes por crianças pode causar náusea, vômito, diarreia, e em casos mais graves hemorragias internas. Fontes: Martins et al. (1995), Lorenzi & Matos (2002) e Borrás (2003).

Família: Euforbiaceae

Nome científico: *Jatropha gossypifolia* L.

Nome vulgar: Pião roxo.

Arbusto, latescente, com folhas simples, alternas, peltadas, palmatilobadas, com 10,5-12 cm de comprimento e 7,2-9,2 cm de largura, ápice acuminado, base cordada, ausência de estípulas, textura membranácea. Inflorescências em cimeiras paniculadas, androceu isostêmone, com 5 estames, com anteras longitudinais, gineceu com ovário súpero, tri-locular. Fruto trissulcado com sementes oleaginosas.

Partes utilizadas: folhas, sementes e leite.

Preparo: banho, macerado.

Uso: doenças não naturais, afecções do sistema digestivo, dores em geral, suspensão de parto.

Reações adversas: planta considerada muito tóxica, não recomendada para ingestão. Fontes: Martins et al. (1995) e Lorenzi & Matos (2002).

Família: Verbenaceae

Nome científico: *Lippia alba* Cham.

Nome vulgar: Erva cidreira

Subarbusto, nativo, bastante ramificado, com folha de 2,5-4 cm de comprimento e 0,5- 1,2 cm de largura, opostas, dísticas, elípticas, base cuneada, ápice agudo, margem serrilhada, pecíolo decurrente, com presença de estípulas, textura cartácea. Flores arroxeadas, reunidas em inflorescências axilares capituliformes, corola com 4 pétalas, côncavas, ovário súpero, androceu com 4 estames.

Princípios ativos: óleos essenciais

Partes utilizadas: folhas, galhos e a planta toda.

Preparo: chás, banho.

Uso: alimento, dores em geral, afecções do sistema digestivo, nervoso e circulatório.

Reações adversas: não pode ser utilizada por hipotensos (pressão baixa). Fontes: Martins et al. (1995) e Lorenzi & Matos (2002).

Família: Labiatae

Nome científico: *Ocimum gratissimum* L.

Nome vulgar: Alfavaca

Planta aromática, semi-arbustiva, bastante ramificada, atingindo 30 cm de altura, com folhas que medem de 3-7,5 cm de comprimento e 1,2-2,8 cm de largura, simples, opostas, verticiladas, lineares a ovais, margem serrilhada, textura membranácea, ápice agudo, pecíolo decurrente, base cuneada, apresentando estípulas intrapeciolares. Flores dispostas em panícula, apresentando coloração rósea pálida, cálice com 3 sépalas, corola com 4 pétalas, gamopétalas, inserção basal do filete na antera, longitudinal, rimosa, gineceu com ovário dialicarpelar, com 4 carpelos, estigma único. Fruto capsular com 3-4 sementes.

Partes utilizadas: folha, sementes, planta toda e raiz.

Preparo: xarope, chá, banho, lambedor.

Uso: afecções do sistema urinário, respiratório, digestivo e dores em geral.

Reações adversas: usado em grandes dosagens pode causar indisposições estomacais e alergias, pois é uma espécie com grande variabilidade química, devendo-se evitar os cultivares eugenolíferos. Fonte: Lorenzi & Matos (2002).

Família: Piperaceae

Nome científico: *Piper callosum* Ruiz et Pav.

Nome vulgar: Elixir paregórico

Erva arbustiva de 0,50 a 1m de altura. Folhas com 6,5-10 cm de comprimento e 3,5-5 cm de largura, simples, alternas, elípticas, de ápice acuminado, base aguda, margem inteira, textura cartácea, pecíolo decurrente, sem presença de estípulas. Inflorescência em espiga, flores aperiantadas, androceu com 4 estames, anteras rimosas, gineceu com 3 estigmas.

Princípios ativos: ácido tânico, nicotina e anetol.

Partes utilizadas: folhas e galhos

Preparo: chá

Uso: dores em geral, afecções do sistema digestivo e circulatório

Reações adversas: pode apresentar efeitos colaterais, em virtude da presença de carvacrol.

Família: Portulacaceae.

Nome científico: *Portulaca pilosa* L.

Nome vulgar: Amor crescido.

Erva anual, caules lisos e cilíndricos, folhas carnosas pequenas, dotadas de longos tricomas na região axilar, com 1-8,5 cm de comprimento e 2-3 mm de largura, alternas, lanceoladas, carnosas, coriáceas, pilosas, ápice e base agudas, margem inteira. Flores solitárias, laranjas-violeta, com presença de tricomas, corola com 4 pétalas, gamopétalas, androceu com 15 ou mais estames, gineceu com 3-6 estiletes alongados, ovário semi-ífero, estigmas capiláceos.

Princípios ativos: mucilagem, vitaminas A, B₁, B₂ e C.

Partes utilizadas: galhos, folhas e planta toda.

Preparo: chá, sumo, maceração, banho de asseio.

Uso: afecções dermatológicas, do sistema digestivo, urinário, doenças cancerígenas e dores em geral.

Reações adversas: não apresenta reações adversas conhecidas.

Família: Simaroubaceae

Nome científico: *Quassia amara* L.

Nome vulgar: Quina do Pará

Árvore que pode medir até 7 m de altura, com folhas, compostas, alternas, imparipenada, de 3 folíolos, de 6-15 cm de comprimento e 2-3,5 cm de largura, ápice acuminado, base atenuada, cartácea, margem inteira, raque alada, sem a presença de estípulas. Inflorescência racemosa terminal. Flores tubulosas, grandes, de cor vermelha, cálice com 5 sépalas, gamossépala, corola com 5 pétalas androceu de 10 estames livres, gineceu, apocárpico com ovário glabro, estilete alongado, estigma diminuto.

Princípios ativos: quassina, pectina e taninos.

Partes utilizadas: toda a planta.

Preparo: xampu, chá, banho.

Uso: afecções sanguíneas, dermatológicas, dores em geral e febre.

Contra-indicação: não deve ser utilizada durante a gravidez.

Família: Compositae

Nome científico: *Solidago cf microglosa* DC. = *S. chilensis* Meyen

Nome vulgar: Arnica

Planta arbustiva, com cerca de 1 m de altura, de folhas simples, lineares, de 1,5-10,5 cm de comprimento e 0,5-1cm de largura, ápice acuminado, base atenuada, pecíolo alado, margem serrilhada, com estípulas ausentes, de consistência membranácea. Inflorescência em capítulos, corola amarela, de cálice branco com presença de tricomas, gamopétala, de 5 sépalas e 5 pétalas, androceu com 5 estames, isostêmone, gineceu com estilete terminal e estigma bifido.

Princípios ativos: arnicina e citisina.

Partes utilizadas: folhas e sementes

Preparo: chá, tintura

Uso: afecções traumáticas e problemas circulatórios.

Reações adversas: pode ser tóxica, uso interno muito restrito. Fonte: Lorenzi & Matos (2002).

Família: Compositae

Nome científico: *Vernonia condensata* Baker

Nome vulgar: Boldo

Planta de hábito herbáceo, atingindo até 2,50 m de altura, com folhas opostas, obovadas que medem entre 4,5- 9,5 cm de comprimento e 1,5-4 cm de largura, peltadas, simples, alternas, de consistência membranácea, ápice acuminado, base cuneada, com bordo serrilhado, com estípulas ausentes. Inflorescências em capítulos, reunidas em uma haste vertical, as flores são andróginas, de cor branca ou creme, cálice ausente, corola gamopétala, com 5 pétalas, papus presente. Androceu com estames epipétalos, anteras rimosas, basifixas, gineceu apresentando ovário ínfero, estilete terminal (com pêlos) e estigma bifido.

Partes utilizadas: folhas, ramos e toda parte da planta.

Preparo: chá, banho.

Uso: afecções do sistema digestivo e dores em geral.

Contra-indicação: pela presença de um glicosídeo cardiotônico não se aconselha o uso muito prolongado. Fontes: Martins et al. (1995) e Panizza (1997).

Família: Verbenaceae

Nome científico: *Vitex agnus-castus* L.

Nome vulgar: Alecrim de angola.

Planta arbustiva, com 1,5-2,5 m de altura e folhas que medem 5-11 cm de comprimento e 1,2 cm de largura, compostas, folíolos lanceolado-oblongos, opostos, digitados, sem estípulas, ápice agudo ou acuminado, base arredondada, consistência membranácea, margem inteira. Inflorescências terminais ou axilares, cimosas em panículiformes, flores andróginas de cor lilás com faixas embranquecidas, cálice tubuloso, gamossépalo, com 5 sépalas, com presença de pêlos, corola com 5 pétalas, zigomorfas, androceu com 4 estames exertos, didínamos, gineceu com ovário 4-locular, estilete alongado com estigmas agudos.

Princípios ativos: pineno, cineol, lineol e vitricina.

Partes utilizadas: folhas e galhos.

Preparo: banho, chá, macerado.

Uso: dores em geral, afecções do sistema respiratório e circulatório.

Reações adversas: recomenda-se o cuidado na administração a gestantes e, também no uso de hormônios associado ao *Vitex agnus-castus*, que pode interferir nos níveis hormonais. Fonte: Lorenzi & Matos (2002).

Glossário

Chá: cozimento de órgãos vegetativos e reprodutivos de vegetais em água.

Infusão: conservação temporária de uma substância num líquido para se extrair princípios medicamentosos ou alimentícios.

Lambedor: princípio ativo extraído, resultante da mistura de uma planta a açúcar ou mel.

Maceração: infusão a frio.

Sumo: é o suco obtido pela trituração da planta inteira ou parte dela.

Tintura: é a substância resultante de uma maceração de órgãos da planta por meio de uma substância química, como o álcool ou éter.

Xampu: mistura de essências e substâncias emolientes, usadas para lavagem do couro cabeludo.

Xarope: medicamento líquido e pegajoso, proveniente da mistura de certas porções de vegetais ou minerais, com porção de açúcar necessária para saturá-lo.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, J. M. de. **Plantas medicinais de uso popular**. Brasília, DF: ABEAS/MEC, 1989. 96p.

ARAÚJO, D. S. D.; LACERDA, L. D. A natureza das restingas. **Ciência Hoje**, Brasília, DF, v. 6, n. 33, p. 42-48, 1987.

BERG, M. E. van den. **Plantas medicinais na Amazônia: contribuição ao seu conhecimento sistemático**. 2. ed rev. e aum. Belém, PA: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993.207p.

BORRÁS, M.R.L. **Plantas da Amazônia: medicinais ou mágicas** Manaus: Ed. Vale: Governo do Estado do Amazonas, 2003. 322p.

CORREA, M. P. **Dicionário de plantas úteis do Brasil**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, 1926. v. 1, 747p.

_____. **Dicionário de plantas úteis do Brasil**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, 1974. v. 5, 376p.

FONSECA, V. F.; SÁ, C. F. C. Situación de los estudios de etnobotânica y botânica económica em ecosistemas costeros de Brasil: nota preliminar. In: SIMPÓSIO ECUATORIANO DE ETNOBOTÂNICA Y BOTÂNICA ECONÔMICA, 3., 1997, Quito. **Úso y manejo de recursos vegetales: memórias...** Quito: Ed. Abraya-Yala, 1997. p.57-81. Editado por Montserrat Rios e Henrik Pederson.

FURLAN, M. R. **Cultivo de plantas medicinais**. Cuiabá: SEBRAE, 1988. 137p.

LAMEIRA, O. A.; RODRIGUES, S. T.; ROSAL, L. F.; AMORIM, A. E. L. **Coleta, avaliação e caracterização de plantas medicinais de ocorrência na Amazônia**. Belém, PA : Embrapa Amazônia Oriental, 2000. 5p. (Embrapa Amazônia Oriental. Comunicado Técnico, 23).

LORENZI, H.; MATOS, F. J. de A. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas cultivadas**. São Paulo: Instituto Plantarum, 2002. 544p.

MATOS, F. J. de A. **Plantas medicinais: guia de seleção e emprego de plantas usadas em fitoterapia no nordeste do Brasil**. Fortaleza: IOCE, 1989. 144p.

MARTINS, E. R.; CASTRO, D. M. de; CASTELLANI, D. C.; DIAS, J. E. **Plantas medicinais**. Viçosa, MG: UFV, 1995. 219p.

PANIZZA, S. **Plantas que curam (Cheiro de Mato)**. São Paulo: IBRASA, 1997. 279p. (Biblioteca Saúde, 41).

RIBEIRO, J. E. L. da S.; HOPKINS, M. J. G.; VICENTINI, A.; SOTHERS, C. A.; COSTA, M. A. da S.; BRITO, J. M. de; SOUZA, M. A. D. de; MARTINS, L. H. P.; LOHMANN, L. G.; ASSUNÇÃO, P. A. C. L.; PEREIRA, E. da C.; SILVA, C. F. da; MESQUITA, M. R.; PROCÓPIO, L. C. **Flora da Reserva Ducke: guia de identificação das plantas vasculares de uma floresta de terra – firme na Amazônia Central**. Manaus: INPA, 1999. 816p. il.

RODRIGUES, S. T.; BERG, M. E. van den; LAMEIRA, O. A. **Plantas medicinais, aromáticas e tóxicas do horto da Embrapa Amazônia Oriental usadas por população cabloco-pesqueira de municípios do nordeste paraense: diversidade e uso**. Belém, PA: Embrapa Amazônia Oriental, 2000. 4p. (Embrapa Amazônia Oriental. Comunicado Técnico, 26).

ROMAN, A. L. C. **Plantas medicinais da Restinga da Princesa, Ilha de Algodal, Município de Maracanã, Estado do Pará**. 2001. 104f. Dissertação (Mestrado em Agronomia) – Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém, PA.

TENORIO, M. A. R.; BERG, M. E. van den; MENEZES, O.; SALES, P. **Fitoterapia: uma estratégia terapêutica natural do Amapá**. In: BUCHILET, D. (Ed.). **Medicinas tradicionais e medicina ocidental na Amazônia**. Belém, PA: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1991. v.1, p. 413-461.

VIDAL, W. N. **Botânica: organografia, quadros sinóticos ilustrados de Fanerógamos**. Viçosa, MG: UFV, 1995. 114p. il.

ZURLO, C.; BRANDÃO, M. **As ervas comestíveis: descrição, ilustração e receita**. 2. ed. São Paulo: Globo, 1990. 167p.

Embrapa

Amazônia Oriental

E 5046

Patrocínio:



BANCO DA AMAZÔNIA

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA,
PECUÁRIA E ABASTECIMENTO

